

OS ZIGUEZAGUES DO DR. CAPANEMA

São vários os modos e os objetivos de análise de uma narrativa histórica e, se a percebemos como “documento”, é porque a escrita ou a imagem que ela evoca registra algo que não se perdeu na areia do tempo, tornando-se, portanto, parte de nosso acervo cultural. Trazer os *Ziguezagues* do Dr. Capanema à luz das publicações contemporâneas constitui, mais do que a tentativa preciosista de valorizar um arquivo documental, emprestar-lhe novos sentidos, percebendo, na acepção de Walter Benjamin, as possíveis articulações que ele aponta entre passado e presente.

A narrativa de Guilherme Schüch de Capanema sobre expedição científica realizada no Brasil é formada por uma série de trinta e dois artigos ou crônicas publicadas no *Diário do Rio de Janeiro*, nos anos de 1860 a 1862. Situa-se no contexto em que missões exploratórias, dotadas dos mais variados propósitos, passam a povoar a história deste país.

Seja de caráter científico ou comercial, as viagens exploratórias realçavam aspectos pioneiros do conhecimento, registrando características variadas da natureza mineral e vegetal, incluindo também observações sobre dimensões importantes da vida social.

Se, muitas das missões de reconhecimento, feitas por viajantes estrangeiros, recolhiam materiais que voltavam para as instituições financiadoras dos países de origem, a Comissão Científica de Exploração, da qual fazia parte o Dr. Capanema, circunscrevia-se à tentativa de estabelecimento de uma ciência de caráter nacional.

A comissão que se estabeleceu no Ceará, no período de 1856 a 1861, constituiu, nesse sentido, a primeira expedição científica brasileira que realizou coletas, exames e experimentações. Conforme estava determinado nas instruções de viagem, era ne-

De: MARIA SYLVIA PORTO ALEGRE
Os ziguezagues do Dr. Capanema: ciência, cultura e política no século XIX.

Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

Por: IRLYS ALENCAR F. BARREIRA*

* Doutora em Sociologia, professora Titular da Universidade Federal do Ceará.

cessário classificar os minerais encontrados e investigar serras nas quais se suspeitava existirem metais preciosos.

Nascida no Estado monárquico do século XIX, a Comissão Científica Brasileira ritualizava o esforço de inscrever o país no âmbito da modernidade civilizadora, condizente com os padrões europeus do conhecimento, baseados na descoberta e classificação típicas dos valores positivistas.

A Comissão Científica de Exploração pensava também “ser a hora de priorizar pesquisadores brasileiros”, com a tarefa de ampliar o conhecimento sobre e no país, impedindo que a visão “de fora” deturpasse a observação necessária ao desenvolvimento da ciência. Conforme as palavras de Capanema:

(...) porque mandar vir os exploradores munidos de cabedal científico de pouco servirá, pois esses homens têm outra língua, outros hábitos, e outra natureza muito diferente da nossa. De modo que os habitantes do interior lhes repugnam, no que ficam pagos com usura, e até chegam a ser vítimas de sua excentricidade (CAPANEMA, cf. Porto Alegre, p. 30).

Caberia, portanto, aos exploradores imbuídos dos ideais da investigação científica emergente no Brasil, a missão de coletar, examinar e experimentar os achados, sendo a opção pelo Ceará baseada no pressuposto da existência de riquezas minerais, vegetais e animais.

A reprodução do texto original de Capanema também exigiu de Sylvia Porto Alegre um deciframento. O entendimento do vocabulário prolixo, as alusões do geologista a fatos nem sempre evidentes, enfim, constituíram-se também em ziguezagues percorridos, por ela, no sentido de instrumentalizar o

leitor para o entendimento da escrita e decodificação do jogo de palavras, do uso de neologismos e das referências factuais presentes no documento.

É sob o pseudônimo de Manoel Francisco de Carvalho, que Capanema disfarça em suas crônicas a crítica a inimigos, introduzindo referências negativas ao poder e a personalidades de destaque. Embora chefe da seção geológica, encarregado de exercer seu conhecimento nessa área restrita, o observador arguto refletia sobre assuntos de várias ordens, fazendo com que seu texto constituísse documento testemunhal de um momento relevante da história brasileira.

O livro *Os Ziguezagues do Dr. Capanema, ciência, cultura e política no século XIX* está dividido em três capítulos. No primeiro, a autora apresenta uma pequena biografia do chefe da seção geológica, por meio da qual se observam aspectos da inovação tecnológica, úteis ao próprio desempenho da Comissão. Algumas características do autor dos *Ziguezagues* são destacadas, dando sentido a suas opções e curiosidades científicas. De fato, Capanema cresceu em um ambiente favorável às letras e artes. Aos dezesseis anos, seguiu viagem para a Europa, dedicando-se, lá, aos estudos de engenharia e mineralogia. Posteriormente, exerceu as atividades de ensino e pesquisa incluindo, em suas habilitações, negócios particulares e missões oficiais. Viajou ao Ceará por três vezes: como membro da Comissão Científica de Exploração; no momento da construção da estrada de ferro Baturité-Fortaleza; e, na condição de diretor da repartição dos Telégrafos, como encarregado de estabelecer a comunicação entre Ceará e Maranhão.

No segundo capítulo do livro, Sylvia Porto Alegre contextualiza o documento de Capanema, visando tornar o texto compreensivo ao leitor. Trata-se, segundo a autora, de uma, entre as várias leituras possíveis, iluminada por dados extraídos de arquivos, documentos, relatórios oficiais, correspondências, livros e folhetos. A recuperação de personagens e fatos da época oferece também pistas para se entender a relação entre a atividade científica e as práticas culturais do Brasil, mediadas pela conexão entre corte e províncias.

O estilo do documento de Capanema diz também da condição dupla do observador que, segundo Sylvia Porto Alegre “ora se coloca no lugar distanciado e neutro do cientista, ora assume o engajamento político, conforme a assunto era tratado, o humor do momento ou os interesses em jogo” (p.53). É essa variação que torna o texto polêmico fazendo com que as crônicas de Capanema sejam expressão das idéias e interditos da época de sua escrita.

Após a contextualização da obra e da vida de Capanema, o terceiro capítulo apresenta os escritos originais do geologista, incrementados de notas explicativas sobre termos ortográficos utilizados na época.

A descrição de práticas culturais e políticas diversificadas, incluindo dados sobre a agricultura, comércio, religião, alimentação, flora e fauna, torna o texto de Capanema um acervo interessante para se pensar também sobre a vida social cearense no período documentado. Aí estão presentes observações sobre a política, a religião, as crenças e tudo aquilo que tornava a região visitada digna de curiosidade e registro.

Sobre as eleições, o autor descreve vários fatos pitorescos de compra de votos, refletindo sobre práticas locais e pessoais de poder, em contraponto à emergente estrutura legal, nesse momento impotente para fazer valer o exercício de normas e prescrições. Segundo suas palavras,

(...) Nós já temos tão numerosos exemplos de eleições sangrentas, e mesmo assim a administração não sabe tomar medidas adequadas a prevenir desgraças, sobretudo quando ela tem aviso. É sina de quem arrota muita severidade e não tem energia, nem força moral suficiente para se fazer respeitar. Estão marcadas as eleições de Icó e Telha para 11 de novembro. Para este último lugar vão o Dr. Chefe de polícia. Temos a convicção de que tudo se fará pacificamente, apesar dos ódios desenvolvidos pelos últimos assassinatos. Praza a Deus que estes

tenham sido os derradeiros (Cf. Porto Alegre, p. 189).

Outros comentários alusivos a religiosidade, crenças e comportamentos do “povo cearense” estão presentes no documento, revelando ser o autor signatário de uma representação que contrapõe uma espécie de Brasil moderno a um Brasil arcaico:

(...) um povo tão crédulo está muito e muito atrasado em instrução, e por isso não está habilitado a conhecer os seus verdadeiros interesses; não é ele que sabe quais as instituições que mais lhe convêm; basta que apareça algum Padre Agostinho ou algum Anticristo, que com pouco o fanatiza (...).

São múltiplas as possibilidades de leitura dos *Ziguezagues*. Como texto a ser decifrado do ponto de vista sócio-antropológico, destacam-se as referências ao tempo da seca (BRAGA, 2004), circunstanciando as dificuldades de sobrevivência das populações interioranas, a religiosidade e os costumes. Uma outra possibilidade de leitura pode revelar, através da ideologia do autor, o modo como a região cearense evoca um tipo de reconhecimento e descrição. Lembro, nesse sentido, da leitura que faz Robert Darton (1986) sobre a narrativa de um cidadão anônimo observador de Montpellier, em 1768, como porta de entrada para entender a emergência de uma nova disciplina condizente com os padrões burgueses da época. O texto, na visão do historiador, mais que um documento detalhado e prolixo, traduzia a perplexidade de um observador face ao que ele considerava desorganizado porque não se enquadrava na lógica hierárquica da corte. A subjetividade do observador de Montpellier, antes de se tornar empecilho à objetividade da descrição do contexto urbano, fornecia um outro material do imaginário da época.

A perspectiva de Darton inspira outras possibilidades de exploração do texto de Capanema se pensamos a explanação de suas idéias como repre-

sentativa de uma visão de mundo que se imiscuía no Brasil da modernidade emergente.

O livro de Sylvania Porto Alegre, ao expor o documento de Guilherme Schüch de Capanema, sobre a missão científica realizada no Ceará, percorre a trilha da “tradução” ou do “deciframento”, promovendo um encontro feliz entre história e antropologia. O documento apresentado no livro evoca percepções e práticas de uma época, registros etnográficos de costumes permeados por uma visão peculiar do autor – a lógica narrativa atravessada pela ironia e jocosidade.

A idéia de edição do documento já vinha sendo sugerida ao Museu do Ceará, pela autora, que se dispôs a dar seguimento ao trabalho de Renato Braga sobre a história da Comissão Científica. Considerava, em edição anterior (PORTO ALEGRE, 2003), a necessidade de transcrição dos manuscritos, na medida em que “Trata-se de material raro e valioso para o trabalho de estudiosos das mais diversas áreas e um testemunho precioso para a história das ciências no Brasil, nos primórdios de sua expansão e consolidação” (op. cit. p. 12).

O livro de Sylvania Porto Alegre traduz, portanto, a importância das possibilidades infinitas de recuperação de um relato histórico em meandros lingüísticos que remontam as práticas culturais e políticas do Brasil oitocentista. O projeto gráfico, a capa e a diagramação do livro completam a riqueza do trabalho, dando ao leitor a impressão de que a arte e a ciência são partes de uma mesma missão.

Referências Bibliográficas

- DARTON, Robert (1986). *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal.
- BRAGA, Renato (2004). “Ensaio crítico-histórico da Comissão Científica de Exploração”. In *Conviver, uma revista de estudos avançados do semi-árido*, vol I, n.4, out/dez de 2004.
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvania (2003). *Comissão das Borboletas. A Ciência do Império entre o Ceará e a Corte*. Fortaleza: Museu do Ceará, col. Outras Histórias, Secretaria da Cultura do estado do Ceará, 2003.